

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO 1969-2009: Memória e história na/dá Análise do Discurso

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

CORPOS INDISCIPLINADOS – ESTRUTURA E ACONTECIMENTO

Vera Regina Martins e Silva (UNEMAT)

A Análise de Discurso de linha francesa, à qual nos filiamos, coloca que o homem é instado a interpretar diante de qualquer materialidade simbólica. Com efeito, não há como não (se)significar. Assim como as palavras nos significam, os gestos, os movimentos dizem também de nossa identidade. O corpo é impregnado de sentidos, é morada de discursividades, verdadeira caixa de Pandora. Os modos de formulação dos sentidos, seja através da palavra, seja através do gesto, do movimento, ou melhor, da expressão corporal, são determinantes como fator de inclusão ou exclusão do sujeito numa sociedade como a nossa. Como diz Orlandi (2001, *Discurso e texto*), o homem “tem seu corpo atado ao corpo dos sentidos. Sujeito e sentido [...] têm sua corporalidade articulada no encontro da materialidade da língua com a materialidade da história. [...] confronto do simbólico com o político”. Nosso trabalho tem como foco o sujeito deficiente mental que, ao não ter um lugar de enunciação reconhecido na sociedade, porque sua fala desorganizada é considerada sem sentido, vai significar em outros lugares que não os “definidos” para ele. Esse sujeito vai fazer funcionar uma outra materialidade simbólica. O significar com o corpo constitui uma resposta à incompreensão de sua linguagem verbal. Significar com/na *falta* que o constitui faz com que o sujeito deficiente mental atravesse toda uma organização social, toda uma civilidade historicamente instaurada, para se subjetivar, para fazer sentido, *invadindo* o espaço do outro com seu corpo de movimentos desajeitados. Quando percebemos o sujeito deficiente mental “ocupando” um espaço, com seus gestos dessincronizados, com sua fala desorganizada e querendo nos tocar... ousamos nos perguntar: até onde nos permitimos ser o seu “outro” (se é que nos permitimos). O que constitui eu ser o outro para ele? O que significa ele ser o outro para mim? Basta refletir um momento para percebermos que o seu outro é aquele que o interpreta... o seu outro é aquele que o individualiza... o seu outro é aquele que o disciplinariza... o seu outro é aquele que lhe impõe limites... o seu outro é aquele que o silencia... Mas esse sujeito “escapa” a tudo que ao outro incomoda. Os sentidos resultam de relações, um discurso aponta para outros que o sustentam e para dizeres futuros. Temos, então, os mecanismos de *antecipação*, que seria o colocar-se no lugar do interlocutor, ou melhor, como que perceber o sentido que suas palavras produzem no outro. Este é o mecanismo que regula a argumentação, pois o sujeito

dirá de uma forma segundo o efeito que pensa produzir no interlocutor. Por outro lado, para garantir a interlocução, o sujeito se utiliza de um jogo de imagens, as formações imaginárias. Há um movimento de sucessão de imagens que resultam de projeções. Ressalte-se que as antecipações e as formações imaginárias funcionam imbricadas, uma vez que o mecanismo de antecipação se processa a partir do jogo de imagens que se forma. Por que o deficiente mental incomoda?... Porque ele quebra, ele fura todo esse processo de antecipação... Nesta oportunidade, dando ênfase ao funcionamento do *não verbal* enquanto prática de linguagem, nos interessa tomar o corpo com seus movimentos, pela sua materialidade, enquanto significante sob o olhar do outro, e enquanto processo discursivo. Ou seja, o corpo discursivo – estrutura e acontecimento. Por um lado, esse corpo enquanto forma material possibilita o gesto de interpretação pelo olhar; por outro, através da interconstitutividade com o espaço, significa lugar de subjetivação. Segundo Orlandi (2004), os espaços são politicamente organizados, incluindo ou excluindo os diferentes corpos, conforme os diferentes espaços. Não há lugar no mundo para corpos indisciplinados!